

Um exemplo interessante é a língua tupi, que era falada por povos tupi-guarani que habitavam a maior parte do litoral no começo da colonização do Brasil. Embora houvesse, na época, centenas de outras línguas faladas no território brasileiro, o tupi foi a língua que os colonizadores portugueses aprenderam e falaram por um longo tempo, chegando, inclusive, a ser formalmente ensinada pelos jesuítas José de Anchieta e Luís Figueira, por meio de gramáticas, publicadas em 1595 e 1621, respectivamente. O tupi chegou, inclusive, a ser a língua mais usada no território brasileiro até meados do século XVIII. Atualmente, porém, sua forma “original” não existe mais; uma variante moderna do tupi, o nheengatu (“fala boa”, em tupi), é ainda falada por cerca de 30 mil índios e caboclos na região da Amazônia.

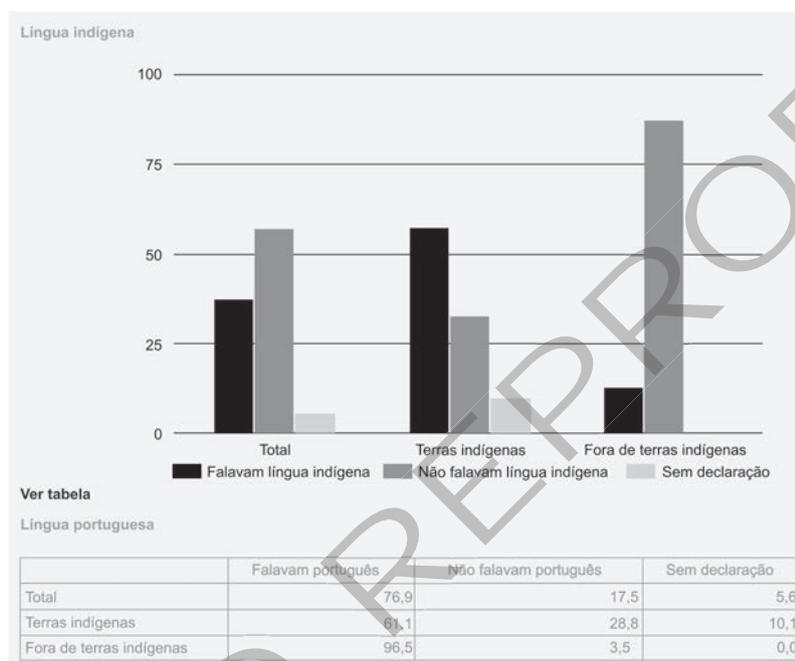


Figura 1.2: Distribuição percentual das pessoas indígenas de cinco anos ou mais de idade, por tipo de língua falada no domicílio, segundo a localização da habitação – Brasil, 2010.



Veja: “Nheengatu: O tupi moderno”. Canal USP.

Os lares ancestrais dos falantes de línguas de pequenos grupos, que estão desaparecendo rapidamente, localizam-se na Austrália, na Melanésia, nas Américas, na Sibéria, na Europa e no Ártico. As línguas que os deslocaram foram primeiro trazidas por sociedades agrícolas que usavam a escrita como um instrumento de controle da elite. Esse controle tomou a forma de hierarquia religiosa, regulação burocrática e conhecimento privilegiado. O deslocamento do que chamamos de “primeiras línguas” começou com as línguas indo-europeias e celtas, trazidas para a Europa por agricultores invasores do Oriente; o grego, o latim e seus derivados na Europa; as línguas dos reinos africanos, como foi o caso das línguas bantu; as línguas dos maias, dos astecas, dos olmecas e dos incas, na Mesoamérica; e as línguas chinesas e seus derivados na Ásia Oriental. A partir do século XVIII e ao longo do século XIX, com a consolidação dos Estados nacionais e da burguesia em sociedades industriais europeias, foram sendo implantados cada vez mais projetos políticos que buscavam a construção de idealização de línguas nacionais como instrumento de cidadania de massa, constituindo formas de identificação e pertencimento capazes de estabelecer a coesão de

formações sociais cultural e linguisticamente heterogêneas com um determinado território e sob a autoridade de um mesmo Estado.⁷

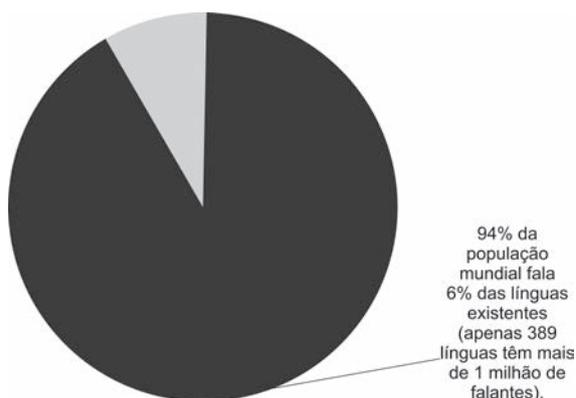


Figura 1.3: Percentual de línguas faladas pela população mundial.

Sabemos que as populações que falavam as primeiras línguas eram quantitativamente pequenas, já que uma estimativa aproximada do seu tamanho médio gira em torno de mil falantes por idioma. Assim, se a população mundial era de dez milhões de habitantes em 10000 a.C., pode ter havido algo em torno de dez mil línguas faladas naquela época. Se essas estimativas sustentam um exame mais minucioso, talvez, então, metade das primeiras línguas do mundo ainda exista. Mas o que torna as primeiras línguas tão diferentes daquelas pertencentes aos povos letrados?



Veja: “Sobre os Pirahã”.

Explorando as diferenças entre as primeiras línguas

Existem várias características das primeiras línguas: sua diversidade, sua tendência a divergir ou manter e desenvolver suas diferenças, seu dinamismo e sua **sinestesia** inerente. A gama de formas de linguagem entre as primeiras línguas é nada menos do que impressionante, o que reflete

Sinestesia: Alternância entre modos para expressar significado. | a enorme capacidade dos seres humanos de construir significados. As primeiras línguas diferiam-se umas das outras de maneira notável, não apenas por meio das diferenças existentes, mas também através do processo contínuo e ativo de novas dessemelhanças. Por que pequenos grupos vizinhos falariam línguas tão diversas entre si? Uma primeira resposta seria que esses grupos cresceram de formas progressivamente muito diferentes entre si, porque estariam isolados uns dos outros e porque não haveria muita necessidade de se comunicarem com seus vizinhos.



Veja: “O que Lévi-Strauss deve aos ameríndios”.

Todas as evidências, no entanto, apontam para um outro lado. Falantes de diferentes idiomas se comunicavam entre si de forma regular e frequente, e certamente em um grau maior do que o fariam vizinhos em um mesmo condomínio de uma grande cidade de hoje. Com efeito, os falantes das primeiras línguas lidavam com a diversidade linguística em um grau de sofisticação raramente encontrado atualmente, na medida em que indivíduos eram quase que invariavelmente políglotas, falando até cinco ou mais idiomas. Além disso, eles desenvolveram formas compartilhadas de comunicação, como a linguagem gestual.

Assim, pode-se dizer que haveria uma lógica nessa “divergência interna”. Nas sociedades das primeiras línguas, uma palavra, por exemplo, poderia se referir a um pássaro, a um lugar, a um

7 Certeau, 1984; Pinheiro, 2013.

Primeiras línguas	Línguas escritas
<ul style="list-style-type: none"> • Populações pequenas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Populações muito maiores falando uma única língua, deslocando pequenas línguas.
<ul style="list-style-type: none"> • Muitas diferenças entre as línguas, mesmo entre aquelas mais próximas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fortes relações familiares entre as línguas, tais como entre os grupos de línguas indo-europeias e os de língua chinesa.
<ul style="list-style-type: none"> • Diferenças internas consideráveis: por idade, gênero ou clã, por exemplo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pressões para o monolingüismo, aprendizagem de línguas faladas por um número maior de falantes.
<ul style="list-style-type: none"> • Grande presença de multilingüismo e de línguas francas ou línguas de comunicação compartilhada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dependência de significados consistentes e estáveis para que estrangeiros, até mesmo os mais distantes, possam entender os falantes de uma determinada língua.
<ul style="list-style-type: none"> • Significados que estão mudando todo o tempo em função de línguas dinâmicas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Significados escritos recebem maior prestígio do que outros modos de significado.
<ul style="list-style-type: none"> • Significados multimodais que usam língua escrita, imagem, gesto, tato e espacialidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tendência ao grafocentrismo (comunicação centrada na escrita).

Quadro 1.1: Das primeiras línguas à escrita.



Veja: “Línguas e dialetos falados pelos povos indígenas no Brasil”.

Começando a escrever: Uma segunda globalização

A segunda globalização é marcada pelo início da escrita. Algumas línguas eram registradas graficamente com símbolos alfabéticos (como o português) e outras com símbolos baseados em caracteres (como o chinês). A escrita emergiu em quatro lugares distintos do planeta: na Mesopotâmia, há cerca de cinco mil anos (Suméria Antiga), e, mais tarde, na Índia, na China e na América Central (ver Figura 1.5). Pode não ter havido qualquer conexão direta entre esses quatro lugares, embora a escrita, em cada um deles, tenha surgido em momentos de assentamentos urbanos apoiados pela agricultura. Nós, povos das sociedades modernas, chamamos essa era de “o começo da história” ou “o alvorecer da civilização”. O longo período anterior, isto é, antes do advento da escrita, foi classificado como “Pré-História”, e seus habitantes, como povos “não civilizados”. Ao assumirmos essa visão, nos esquecemos de que esse momento também foi o começo do fim de outro tipo de história.



Veja: “A construção da escrita – Parte 1”.
Documentário do MEC – SEB/Seed.



Figura 1.4: Ritual comunicativo multimodal. Festa de atuxá (um espírito), realizada pelos índios Mehinaku, de origem Aruak, que habitam a região do Alto Xingu, Brasil. Nesse ritual, são usadas máscaras que representam espíritos xamânicos da cultura indígena Mehinaku.